K-LANGO
07/03
Mulheres
Anarquistas
O resgate de uma história
pouco contada
vol. 2

Mulheres Anarquistas

O Resgate de uma História Pouco Contada

Volume 2:

Coletivos e Mulheres Punks, Anarquistas e Libertárias contam a história recente do anarco-feminismo

Imprensa Marginal e Mabel Dias (orgs.)

2011

* Índice

* Apresentação

Com o objetivo e necessidade de trazer à tona as histórias de vida e luta das mulheres anarquistas - que por muito tempo foram deixadas de lado, quando não esquecidas - a companheira Mabel Dias, de João Pessoa/PB, publicou entre os anos de 2002 e 2003 uma série de seis cartilhas em formato de fanzine intituladas **"Mulheres Anarquistas: O Resgate de uma História Pouco Contada".**

Os quatro primeiros números, que traziam a história de vida de mulheres de várias partes do mundo que lutaram por uma sociedade livre e igualitária, tais como Emma Goldman, Louise Michel, Luce Fabbri, o grupo Mujeres Libres, dentre outras, foram reeditados em 2007 pela Imprensa Marginal, em um volume único.

Nos dois últimos números, Mabel Dias se propôs a fazer um levantamento atual da movimentação das mulheres no meio anarcopunk, anarquista e libertário, entrando em contato com muitas delas e publicando relatos com suas histórias de vida, além do histórico de grupos anarco-feministas que surgiram a partir da década de 90. Na época, a maior parte dos contatos foi feita por meio de cartas, e, com base nos relatos recebidos, as histórias de vida das garotas foram reescritas em terceira pessoa.

Dando continuidade ao projeto de reedição destas cartilhas, publicamos neste volume uma atualização dos dois números finais, 5 e 6. Nesta reedição atualizada, entretanto, damos mais ênfase às movimentações de caráter anarco-feminista que se deram de forma coletiva - contando a partir dos relatos individuais um pouco da história dos grupos e atividades realizadas no decorrer dos tempos. Desta forma, deixamos um pouco o âmbito individual dos relatos anteriormente publicados, construindo, com as experiências relatadas em cada um deles, uma parte da história recente do anarco-feminismo no Brasil, feita com base em muitas vozes.

Queremos registrar também que não existem apenas estes coletivos/mulheres libertárias que estão agora presentes neste livreto. Tantas outras estão espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, atuando por um mundo justo e sem violência para as

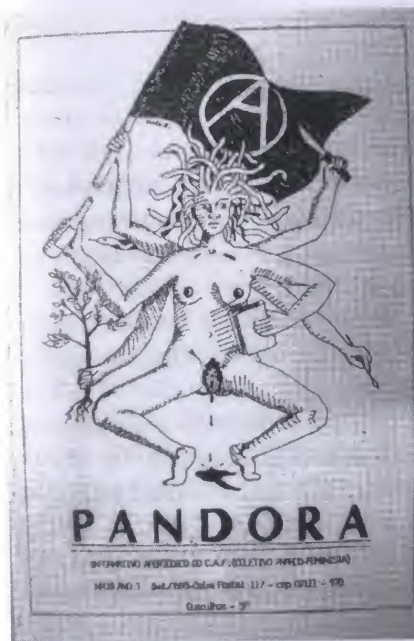
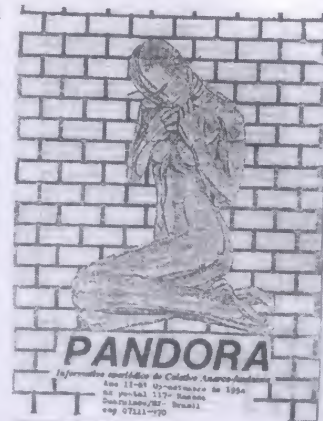
mulheres, para tod@s. Falta de informações de onde estas companheiras se encontram e o tempo que corria contra nós para que esta publicação saísse, visto que faz três anos que estamos reeditando este material, refazendo relatos, etc, fez com que estas companheiras não tivessem suas histórias relatadas. Poderíamos citar o nome de algumas, mas com certeza cometeríamos injustiças.

Por isto, dizemos: Que a história das anarquistas permaneça viva!

Coletivo Anarco-Feminista (CAF) | 1992
São Paulo/SP - Brasil

O **Coletivo Anarco-Feminista (CAF)** foi um dos grupos precursores que colocou o tema do anarco-feminismo em discussão na cena anarcopunk em São Paulo e, posteriormente, em outras cidades. O Coletivo teve início no final de **1992** e infelizmente durou apenas três anos.

As garotas que participavam do movimento anarcopunk naquele período perceberam o pouco ou nenhum interesse de outras meninas com as atividades do movimento, principalmente, a falta de interesse em se produzir algum material voltado à mulher. Isso as inquietava, mas com o passar do tempo, foram aparecendo mulheres interessadas em discutir este assunto, como as do **Grupo Anarquista Subversivo** (GAS) e **Ulla Nielsen**, uma anarco-feminista americana que tinha acabado de chegar no Brasil. A partir daí, começaram a se encontrar, ler alguns materiais trazidos por Ulla, e assim o CAF começava a tomar forma.

O grupo publicava diversos textos, a maioria voltada à informação sobre anarco-feminismo, e editava o informativo **Pandora**. Elas organizaram uma comissão de correspondência, as reuniões eram quinzenais, e nelas se discutia sobre feminismo, sexualidade, anarquismo, a cena anarcopunk e punk, etc. As mulheres do CAF contavam também com uma pequena biblioteca.

O CAF chegou a participar de alguns eventos e reuniões promovidas pelo movimento de mulheres de São Paulo e também realizavam suas próprias atividades, como palestras, gigs, manifestações de rua e apresentações teatrais. Elas mantinham contato também com grupos lésbicos e de mulheres negras. Além de participar do CAF, algumas das garotas participaram de bandas, como a **Pós-Guerra** e a **Ira dos Corvos**.

Segundo uma de suas integrantes, **Maria Helena**, os motivos pelos quais o CAF acabou foram diversos, mas os que mais pesaram foram os problemas financeiros e de moradia delas. O fato do coletivo não ter um número certo de integrantes também afetou a estrutura do grupo, fazendo com que ele chegasse ao seu final em **1995**.

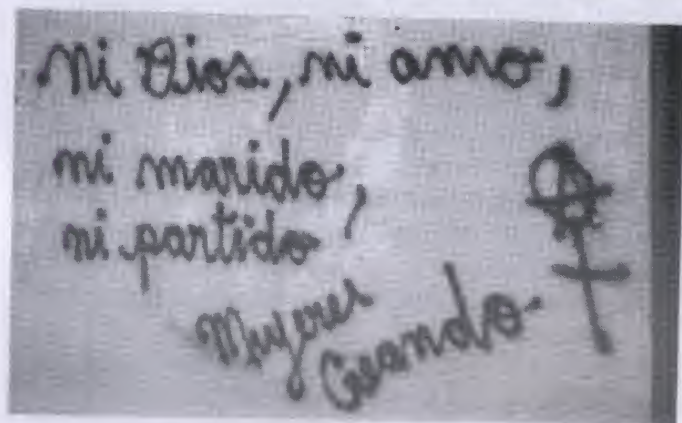
Em seus três anos de intensas atividades, o Coletivo Anarco-Feminista conseguiu disseminar o anarcofeminismo pelo Brasil e criou núcleos na Bahia, Santa Catarina, Campinas e Pará.

* * *

Mujeres Creando | 1992
Bolívia

Mujeres Creando era um grupo formado por **Julieta Paredes**, **Maria Galindo** e **Mônica Mendonça** de tendência feminista-anarquista que atuava através de atitudes coletivas, de forma criativa. Com uma oposição firme contra as injustiças sociais e o machismo, o grupo existe desde **1992** e tinha um discurso amplo e direto contra o Estado e outras instâncias de poder.

Entre maio e agosto de 2000 o Mujeres Creando realizou oito programas de televisão que foram de grande audiência na Bolívia. Intitulado **Creando Mujeres**, o programa abordou temas como a ditadura, a justiça, o racismo, o trabalho, a ajuda das Ongs na construção da imagem da mulher, as diferenças sexuais e por fim, a anarquia. Elas se identificavam com o feminismo autônomo, que para elas é um movimento social onde suas identidades se liberam livremente. Juntamente com outras mulheres latino-americanas, elas têm buscado separar o feminismo da tecnocracia de gênero.

O Mujeres Creando opta pelo uso da palavra e da atitude vital, colocando suas vidas à disposição de uma causa política e social que vá bem além dos partidos políticos. Suas atitudes já as levaram, várias vezes, a serem perseguidas pelo Estado, ameaçadas de morte e por isso, as Mujeres Creando vivem em um constante estado de alerta. Porém, não se calam perante as injustiças de que tomam conhecimento praticadas na Bolívia. O local preferencial de protestos é a rua. Elas estiveram se mobilizando com as associações de morador@s nos bairros da

cidade. Este não era o momento para ações individuais, pois o povo estava "levantado" e o Mujeres Creando, como diz Julieta Paredes, era uma formiguinha diante da luta do povo boliviano em querer recuperar a venda do gás pelo próprio país. Outras mulheres protestaram exigindo esclarecimento acerca da morte de uma menina durante um conflito com forças mistas da policia e do exército, a mando do ministro da defesa, Carlos Sanchez. Elas protestaram em frente ao Palácio do Governo, utilizando suas armas mais poderosas: água e tintas! A ação delas surpreendeu a segurança do palácio que imediatamente começou a limpar, com escovas e água, os grafites na parede na sede do governo. Nesta ação, além de apreenderem cópias da publicação do grupo, intitulado **"De boca en boca"**, os seguranças prenderam uma de suas integrantes, Maria Galindo. Ela ficou presa 24 horas. Diversos grupos libertários da Argentina, Bolívia e Brasil se mobilizaram e enviaram cartas e emails para a Embaixada da Bolívia em suas localidades, exigindo não só a liberação de Maria Galindo, com d@s demais pres@s políticos da Bolívia.

A crise que se instaurou na Bolívia, depois que o governo estabeleceu a venda de gás boliviano para os Estados Unidos, gerou uma série de protestos por parte da população. O Mujeres Creando estava presente nos protestos que foram realizados e outra de suas integrantes, Julieta Paredes, lançou um artigo intitulado **"Rehenes del Estado"**, abordando todos os aspectos da crise, lançando propostas anarquistas pra autogerir a Bolívia. Em uma parte do manifesto, ela diz:

"Sempre nossas sociedades tem estado cheias de problemas para resolver, desde nossa casa, o bairro, a classe, sindicato (...) mas, agora a calamidade dos problemas apresentados atentam contra o Estado e seus patriarcas (..) são problemas que demonstram a incapacidade d@s governant@s, sua classe e grupo dominante. Esta crise põe em perigo sua hegemonia e deteriora a imagem do simbólico, da dominação que significa o Estado."

Adiante ela fala sobre a ilusão que é colocar uma mulher no poder, como presidente:

"Na situação que estamos, muit@s são candidat@s a presidência ou ao governo da Bolívia, por isso nós mulheres, dizemos Pepita Peralta presidenta, Pepita Peralta não é nada e poder ser qualquer uma. É uma estupidez pensar que neste momento a solução vem de uma pessoa ou grupo".

Julieta Paredes sugere em seu artigo, escrito em nome do Mujeres Creando, que as decisões sejam tomadas de maneira coletiva, autogestionária, e que sejam decisões populares e não com políticos partidários. Porém, infelizmente, o cargo de presidente da República foi imediatamente preenchido, logo após a renúncia de Sanchez Losada, pelo vice-presidente Carlos Mesa, que prometeu convocar eleições e instaurar uma assembléia constituinte assim que o Congresso desejar. As mobilizações continuaram até que a privatização do gás seja cancelada.

Não demorou muito, a nacionalização do gás boliviano e outras medidas nacionalistas foram tomadas pelo novo presidente da Bolívia, o indígena Evo Morales.

Devido a divergências políticas no grupo, aconteceu a divisão do Mujeres Creando. Atualmente, existem dois grupos com o mesmo nome, sendo o Mujeres Creando (que faz parte Julieta Paredes), de tendência feminista anarquista e o Mujeres Creando (que participa Maria Galindo), com um caráter mais burguês e reformista. Julieta faz parte também do grupo **Asamblea Feminista**. A Asamblea reúne muitas mulheres, feministas anarquistas, mas o grupo é feminista e não anarquista, como conta Julieta Paredes.

Suas ações são fundamentalmente em relação aos movimentos sociais, buscando superar com informações os prejuízos que existem em mulheres e homens sobre o feminismo e sobre o anarquismo.

"São fundamentalmente ações de informação, reflexão, coordenação e provocações, com propostas.", diz Julieta.

Antes da separação, o Mujeres Creando lançou um livro – o primeiro já tinha sido lançado em 2001 – intitulado **Mujeres Grafiteando**, que traz uma seleção dos primeiros grafites feitos pelo grupo e ainda, uma seleção de livretos e fotografias, intitulado "Mama no me lo dijo también."

Contatos com Julieta Paredes – asambleafeminista@gmail.com

* * *

Projeto Redescobrir-se | 1997
São Paulo/SP – Brasil

O **Projeto Redescobrir-se** tinha como objetivo realizar um trabalho de inserção social com as mulheres da cena anarcopunk. No projeto participavam garotas punks e anarcofeministas. Abaixo segue a carta de apresentação distribuída pelo grupo na época de seu surgimento.

Carta de Apresentação

Nós, ativistas de Grupos Libertários e afins, viemos através desta, informar a tod@s que compartilham de nossas vidas e de nossa luta por uma Organização Social Anarquista, o surgimento do **PROJETO REDESCOBRIR-SE.**

O mesmo propõe a negação radical do papel secundário imposto e a redescoberta de nossa identidade feminina, como criadoras, produtoras, rebeldes e conhecedoras, incluindo nossa sexualidade e nossa participação ativa, quotidiana e histórica no movimento libertário.

Estamos no início de um trabalho árduo e intenso e este trabalho pretende se dar gradualmente, pois, apesar de bastante encorajadas, sabemos que serão muitas as dificuldades que enfrentaremos.

Iniciamos arquivo e biblioteca, onde dispomos de material sobre a questão social feminina (saúde, história, sexualidade e violência), mas o trabalho vai mais além, abrangendo tanto o contato com os grupos já existentes e organizados quanto as mulheres desarticuladas e carentes de informação.

Temos diversas idéias e pretendemos pô-las em prática breve, como: contatar associações de bairro e fazer reuniões, realizar eventos com palestras, vídeos, debate, almoço, oficinas culturais, etc..., sempre buscando criar espaços de resistências e incentivo às mulheres.

Em breve faremos circular um jornalzinho que será um veículo de informação e expressão eficaz, fazendo valer a imprensa alternativa, do povo, como propomos sempre!

O PROJETO REDESCOBRIR-SE, por enquanto, só agrupa mulheres, mas tem diversos colaboradores homens.

Vemos que esta necessidade de autonomia é para nosso próprio amadurecimento, por nossa organização, pelo resgate da luta @narco-feminista, a criação de vínculos e a reeducação, visto que foram séculos de patriarcado, imposição e dominação macho/sexista e também as ditas "conquistas" tão festejadas também pelas "feministas" reformistas e partidárias como espaço no poder, nas forças armadas, mercado de trabalho, etc...; mas que serviram como maquiagem e atualização dos meios de opressão. Tudo isso contribui em cheio para a desarticulação política/social das mulheres.

Resgatamos nosso espaço, por ele ser nossa força, e porque neste espaço estamos conhecendo nossos interesses, criando laços de amizade e apoio mútuo e principalmente porque estamos cientes que liberdade não se ganha, se conquista!

Somos @narquistas e nossa luta é junto aos nossos companheiros, mas é preciso entender e respeitar nossa opção pela organização específica autônoma (assim como os grupos negros, homossexuais e indígenas), pois a opressão para nós mulheres também é específica e é preciso que a iniciativa parta de nós mesmas, combatendo, desmistificando e conhecendo!

Incentivamos e apoiamos toda e qualquer iniciativa pró-@feministas, tanto das mulheres, como dos homens, e achamos de vital importância que estas iniciativas se fortaleçam e sejam como focos de resistência contra a despersonalização e a omissão!

Esperamos todo tipo de apoio, críticas e sugestões.

PROJETO REDESCOBRIR-SE (Resistência Anarco-Feminista)

..."O ser humano tem um potencial tão grande para a diferença, que ela nunca deveria ser mecanicamente trabalhada em termos machistas, racistas ou etnocêntricos. Essas oposições mecânicas violentam logo na primeira infância, tanto meninas como

meninos – elas reprimidas em sua agressividade; eles bloqueados na sensibilidade e na afetividade."
(Mulher e Homem o Mito da Desigualdade) Dulce Whitaker

* * *

Rede Anarco-Feminista Obirin Onijá | 1998
São Paulo/SP – Brasil

A **Rede Anarco-Feminista Obirin Onijá** (em língua ioruba, obirin significa menina e onijá, guerreira) surgiu a partir do **2° Encontro Anarco Feminista em São Paulo**, em **1998**. No início, eram aproximadamente 15 mulheres, que tinham como objetivo aglutinar mulheres anarquistas para a formação de uma rede de contatos em âmbito nacional, entre anarcofeministas, visando com isso troca de experiências, informações, apoio mútuo e a realização de atividades libertárias. As mulheres da Obirin Onijá pretendiam também com a criação da rede discutir as relações d@s indivídu@s que participavam do movimento libertário, propondo assim, formas de relacionamento mais livres.

Mas, por uma "seleção natural", como nos conta uma das Obirin, **Ivani**, a Rede se transformou em um coletivo, o Coletivo de Mulheres Obirin Onijá, atuando nele apenas 08 mulheres. Em seguida, aconteceu uma segunda "seleção natural" e, em 2000, só participavam do coletivo 4 anarcofeministas.

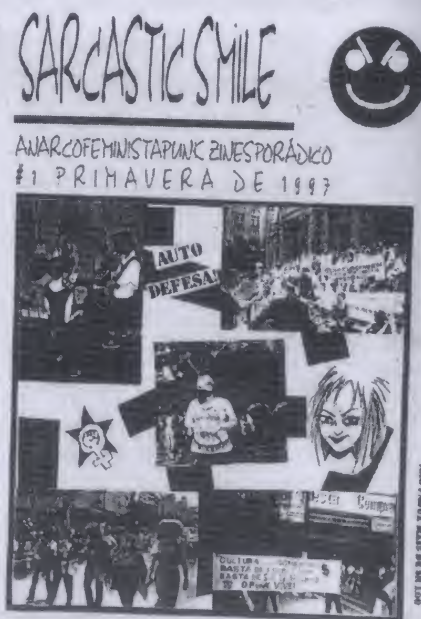
Enquanto Rede Anarcofeminista Obirin Onijá, elas conseguiram realizar três encontros, um

em **1998**, outro em **1999** e o terceiro em **2000**. O primeiro encontro, que aconteceu na sede da União de Mulheres de São Paulo, foi um marco para elas, pois foi a primeira vez que conseguiram juntar várias mulheres com um mesmo ideal. Antes deste encontro, já existiram vários grupos de mulheres anarcofeministas e punks em São Paulo, o que faltava era encontrarem-se para semear juntas a revolta que existia dentro de cada uma, lutando por uma sociedade mais igualitária.

Segundo Ivani, os encontros foram um dos maiores objetivos já realizados pela Rede, pois as experiências trocadas entre as mulheres que compareceram foi inesquecível. Antes de decidirem por ser um coletivo, enquanto Rede, elas realizaram diversas atividades, uma delas foi uma palestra sobre o dia 08 de março - dia internacional da mulher - em uma escola, na cidade Tiradentes, em São Paulo, na periferia da zona leste.

Na programação desta atividade, elas exibiram vídeos, conversaram com @s alun@s sobre prostituição, contracepção, propagandas sexistas, entre outros assuntos.

Elaine foi uma das libertárias que participou da *Rede Anarco-Feminista Obirin Onijá*. A Rede foi uma experiência radical que, segundo ela, ofereceu um espaço de reflexão e intervenção, enriquecendo o desenvolvimento do pensamento e da prática entre as mulheres anarquistas naquele período.

Muitos dos projetos que elas tinham em outros grupos integraram-se à Rede, e ela diz que foi muito importante principalmente naquele período o fortalecimento da imprensa alternativa e combativa entre as mulheres, e destaca trabalhos que circulavam como os boletins e fanzines

Anima, Libertação Feminina, Libertárias, Mulheres Livres, Sarcastic Smile, dentre outros, que contribuiu na ampliação da comunicação delas com outras mulheres libertárias.

Além disso, algumas garotas desenvolviam trabalhos com grupos de estudo que realizavam oficinas sobre saúde e sexualidade feminina, em bairros pobres de São Paulo. Elaine ressalta que os grupos *Coletivo Vênus Femina* e o *Projeto Redescobrir-se* foram muito importantes no fortalecimento de conhecimento entre elas.

O Coletivo Obirin Onijá acabou em 2000 e os motivos para que isso tenha acontecido foram as necessidades e anseios individuais de cada uma das meninas guerreiras.

* * *

Krii por Libero | 1999
Salvador/Bahia - Brasil

O coletivo **Krii por Libero**, que em esperanto significa Gritar por liberdade, teve seu começo em **1999**.

O Krii por Libero era um grupo feminista autônomo formado por anarcofeministas e simpatizantes, e surgiu da necessidade de se fazer um trabalho organizado por mulheres para tod@s e também para se buscar mais organização e união entre as mulheres do movimento libertário de Salvador.

As meninas sentiam que, mesmo participando de atividades em conjunto com os companheiros libertários, elas ficavam em segundo plano. E isso acontecia por culpa própria, pois ainda carregavam valores culturais e educacionais da cultura patriarcal.

As áreas em que o coletivo Krii por libero atuava eram: vivências infantis, peças teatrais, performances, vídeo-palestras, panfletagens, entre outras. Elas também editaram um fanzine, que teve três edições. O Krii por Libero realizava oficinas de **Wendo** (defesa pessoal para mulheres), no **Quilombo Cecília**, local onde se reuniam. Depois os treinos de Wendo ocorreram na **Casa MUV, ex-Espaço Insurgente**, e atualmente o Coletivo de

Wendo de Salvador não conta com espaços de treinos, mas o coletivo continua ativo.
O coletivo passou por momentos de transição e **Luciana**, **Carol** e **Kátia** saíram do Krii e formaram um novo grupo. Elas começaram a produzir absorventes caseiros, fanzines e intensificaram mais ainda os treinos do Wendo, solidificando assim o novo grupo.

O Wendo, que significa "Caminho das Mulheres", é uma auto defesa criada por uma família canadense que após saber do estupro de sua vizinha, desenvolveu algumas técnicas que auxiliassem outras mulheres a se defender de algum ato de violência praticado por companheiros, namorados, maridos, desconhecidos. A técnica foi absorvida pelo movimento feminista/lesbiano da época e dos dias atuais.

O grupo de Wendo de Salvador existe desde dezembro de 2003. O projeto não se limita apenas à autodefesa, mas busca desenvolver debates e interagir com tudo o que se refere à superação do sistema de gêneros e à valorização da mulher.

Contatos:
xkatiax@hotmail.com/xlibertatex@gmail.com/xgirl_pridex @hotmail.com

* * *

Grupo AnarcoPunk Feminista | 2000
Amazonas/Brasil

No ano de **2000**, um grupo de 10 garotas punks, que se identificavam com o feminismo tiveram a idéia de organizar um coletivo que desenvolvesse atividades voltadas ao tema. O coletivo recebeu o nome de **Grupo de Resistência Feminista (GRF)** e chegou a realizar algumas panfletagens e editar um informativo.

Devido a motivos pessoais e ideológicos, houve um rompimento de algumas meninas com o grupo, fazendo com que ele parasse. Houve um reinicio, desta vez com 06 garotas, e

agora, além do interesse pelo feminismo, havia por parte destas integrantes o interesse no anarquismo e a vontade de difundir ainda mais a contracultura punk. O informativo na outra formação do GRF continuava a ser feito mensalmente até que na sexta edição, ele teve fim.

O GFR, com a nova formação, realizou diversas atividades, dentre elas, uma manifestação, panfletagem e colagens de cartazes sobre o dia 08 de março e uma exposição com materiais referentes ao movimento anarcopunk feminista de Manaus.

Depois de 10 meses de muitas atividades, aconteceu um novo afastamento. Algumas garotas desanimaram e desistiram de participar do grupo por motivos pessoais e familiares. Das 06 garotas, restaram apenas 02, **Maiara** e **Eliene**.

Em dezembro de 2002, acontecia o **I Encontro Anarcopunk da região norte**, onde na pauta, a questão da participação das garotas na cena anarcopunk foi discutida. Maiara e Eliene participaram ativamente de todas as discussões e especificamente nesta sobre a mulher anarcopunk. Foi concluído que apesar de muito preconceito sofrido pelas mulheres, até mesmo dentro do próprio movimento anarcopunk, a presença delas é importante e sempre muito bem-vinda. Através do encontro, elas elaboraram um novo nome para o grupo, que passou a se chamar, **Grupo AnarcoPunk Feminista (GAPF)**.

Nesta terceira formação, com um novo nome e mesmo com duas garotas, o GAPF conseguiu realizar diversas ações dentro do calendário de protesto de Manaus: Manifesto contra o militarismo; Dia de luta antiMcDonalds; Dia de luto e luta das mulheres e Manifesto contra a brutalidade policial. Quanto à produção de materiais, Maiara produzia dois zines, **Mundo Insano** e **Origens do ódio**, este último só de poesias. Eliene produzia o **Agir e Resistir**, que trazia textos curtos, porém com críticas fortes ao machismo.

Atualmente, Maiara não tem mais nenhuma ligação com o movimento anarcopunk nem com o anarcofeminista e Eliene continua firme em seus ideais e sempre que possível se envolve na realização de atividades do movimento anarcopunk da cidade.

Contatos: ln_sofia@hotmail.com

* * *

Coletivo Insubmissas | 2000
João Pessoa/PB - Brasil

"Contra a submissão da mulher, contra este regime machista-autoritário-repressor, contra a alienação das religiões!"

Era desta forma que começava o panfleto de divulgação do **Coletivo Insubmissas**, grupo que durou pouco mais de um ano na cidade de João Pessoa. A idéia de organizar um grupo de mulheres surgiu da anarcofeminista **Mabel Dias**, que já participava de um coletivo anarcopunk e sentia a necessidade de discutir com mulheres libertárias temas como anarcofeminismo, machismo, gênero, violência contra a mulher, a participação das mulheres no meio libertário, entre outros, como forma para a realização de atividades que enfocassem a libertação das mulheres das garras do sistema burguês.

O panfleto foi divulgado pela cidade, em gigs organizadas pelo movimento anarcopunk de João Pessoa e entre as mulheres que participavam do próprio movimento. Elas se interessaram pela proposta do **Insubmissas** e se integraram ao grupo. Eram elas **Bethânia Lira** e **Cristiane Raquel**. As garotas se reuniam no **Teatro Cilaio Ribeiro**, local de encontro e reuniões do movimento anarcopunk e dessas reuniões surgiu a proposta de fazer uma cartilha, com o título **"Estupro: defenda-se!"** que

enfocasse a questão da violência sexual - que aumentava a cada dia na capital paraibana, e um vídeo, onde seriam debatidos a origem da data 08 de março e qual a emancipação que as mulheres conseguiram ao longo dos séculos.

A cartilha ficou pronta em pouco tempo, e logo as garotas do Insubmissas planejaram uma série de oficinas em comunidades carentes e escolas para debater sobre violência sexual e oferecer sua contribuição na solução deste problema social. Infelizmente, poucas oficinas foram realizadas, pois as meninas não tinham recursos para xerocar as cartilhas - contando apenas com o apoio de uma professora da Universidade Federal, nem passagens de ônibus para se locomover até os locais das atividades. A proposta era realizar oficinas de violência sexual com adolescentes e jovens (utilizando vídeos, debates, as cartilhas, artes) todos os finais de semana em uma comunidade escolhida, após uma pesquisa de campo. Porém, com as diversidades que aconteciam, elas tiveram que ser interrompidas.

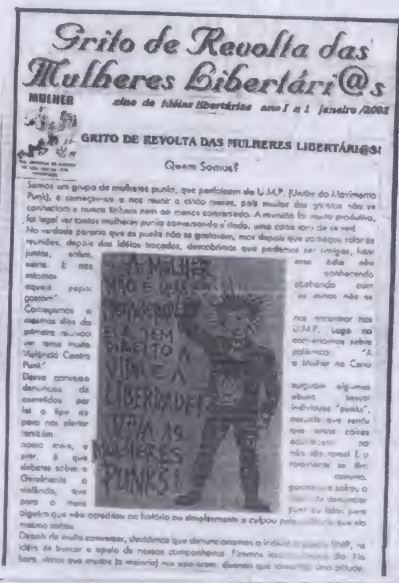
Simultaneamente a feitura da cartilha, elas realizaram um vídeo **"Conseguiste tua emancipação, mas não tua liberdade"**, que traz depoimentos de rappers, profissionais do sexo, anarcopunks, feministas, jovens, artesãs, sobre a origem do 08 de março - onde procuravam debater qual a importância real desta data e questionavam que emancipação era esta que as mulheres conquistaram e o que isto havia trazido para elas. O vídeo, apesar do Insubmissas não ter conseguido cópias deles, foi bastante divulgado pelo Brasil e teve sua primeira exibição em praça pública em um evento organizado por uma organização não-governamental que trabalhava com profissionais do sexo na cidade, a Amazona.

Neste meio tempo, Cristiane Raquel foi embora de João Pessoa e retornou ao Rio de Janeiro, ficando apenas Bethânia e Mabel na batalha. Elas começaram uma série de palestras em escolas públicas sobre violência sexual, entre elas a Escola Municipal Zumbi dos Palmares, no bairro de Mangabeira. Também realizaram oficinas de sexo seguro e sexualidade, tanto em escolas quanto em outros espaços, como o próprio Cilaio Ribeiro. Estas oficinas de sexo seguro eram realizadas em parceria com o grupo **União Voluntária de Apoio aos**

Soropositivos, que também ficava no Cilaio. Outras oficinas de sexo seguro e de violência contra a mulher aconteceram na Escola Zumbi dos Palmares e no **I Encontro de Gênero e Anarcofeminismo**, que aconteceu em Campina Grande, em 2004.

O Coletivo Insubmissas durou pouco tempo, mas conseguiu despertar no movimento anarcopunk do nordeste a atenção de mulheres e homens que dele participam para o debate sobre o anarcofeminismo (apesar de ainda haver desconhecimento e deturpação sobre este assunto) e para a questão de gênero, fazendo com que as mulheres libertárias despertassem e buscassem se organizar.

O Insubmissas gerou frutos, e novas perspectivas de luta se instauraram nas garotas que dele faziam parte. Elas organizaram um grupo de auto defesa para mulheres e treinam o Wendo. O grupo recebeu o nome de Teimosia. As Insubmissas continuam caminhando e conspirando...

* * *

Grito de Revolta das Mulheres Libertárias | 2001
São Paulo/SP - Brasil

Este grupo surgiu no cenário anarcopunk da caótica cidade de São Paulo em julho de **2001**. No início, o Grito de Revolta das Mulheres Libertárias chegou a contar com 40 mulheres.
No GRML participavam anarcopunks que estavam envolvidas também com a extinta União do Movimento Punk (UMP), grupo que aglutinava diversas tendências do movimento punk em São Paulo.

As garotas começaram a se conhecer nas reuniões da UMP. Cada uma sentia a necessidade de uma maior aproximação entre as mulheres do movimento punk, pois notavam que existia uma certa rivalidade entre as mulheres do movimento e que isto precisava ser destruído.

Passaram então a organizar algumas reuniões e dessas reuniões surgiu o grupo e muitas idéias. Uma destas idéias foi de se fazer um grupo de teatro, onde seriam abordados temas como abuso sexual, violência doméstica, violência policial, entre outros temas, conforme a vontade e necessidade do grupo. Duas das peças teatrais que apresentavam retratavam a violência contra a mulher, e o dia 08 de março. As peças foram apresentadas em eventos, sons, manifestações, espaços anarquistas, etc.

O GRML edita um boletim, que tem o mesmo nome do grupo, no qual são abordados temas relacionados à saúde da mulher, anarquismo, meio ambiente, tem ainda uma seção de poesias, notícias de presos políticos, entre outros. Elas também organizam eventos junto a outros grupos libertários de São Paulo.

Durante algumas reuniões elas realizavam algumas dinâmicas com o objetivo de desenvolver melhor a argumentação. Essas dinâmicas consistiam em haver um debate fictício sobre um determinado assunto e uma garota assumia um lado pró e outra contra.

As mulheres do Grito de Revolta das Mulheres Libertárias querem movimentar a cena punk da qual fazem parte, sempre produzindo atividades e materiais, propor eventos e sons e levar temas para discussão no meio. O GRML quer mexer em assuntos que muitas vezes são um tabu na cena anarcopunk, seja em São Paulo ou em outro lugar. Um deles já foi citado, que é a rivalidade que se cria entre as garotas punks, os outros são o machismo/sexismo na cena, a violência sexual e a disputa entre as garotas para ver quem usa mais visual.
Segue, abaixo, o texto de apresentação do grupo publicado na primeira edição do zine delas, de janeiro de 2002.

Quem somos?

Somos um grupo de mulheres punks, que participam da UMP (União do Movimento Punk), e começamos a nos reunir a cinco meses, pois muitas das garotas não se conheciam e nunca tinham nem ao menos conversado. A reunião foi muito produtiva, foi muito legal ver tantas mulheres punks conversando e rindo, uma coisa rara de se ver!

Na verdade parecia que as punks não se gostavam, mas depois que começou rolar as reuniões, depois das idéias trocadas, descobrimos que podemos ser amigas, lutar juntas, enfim, esse ódio não existe. E nos conhecendo estamos acabando com aquele papo: "as minas não se gostam".

Começamos a nos encontrar nos mesmos dias da UMP. Logo na primeira reunião conversamos sobre um tema muito polêmico: "A Violência Contra a Mulher na Cena Punk".

Dessa conversa surgiram algumas denúncias de abuso sexual cometidos por indivíduos "punks", foi o tipo de assunto que serviu para nos alertar que essas coisas também acontecem no nosso meio, e não são raras! E o pior, é que raramente se têm debates sobre o assunto. Geralmente a garota que sofreu a violência, teve medo de denunciar para o meio punk ou falou para alguém que não acreditou na história ou simplesmente a culpou pela violência que ela mesma sofreu.

Depois de muito conversar, decidimos que denunciaríamos no indivíduo para a UMP, na idéia de buscar o apoio de nossos companheiros. Fizemos isso no mesmo dia. Na hora vimos que muitos (a maioria) nos apoiaram, dizendo que tomariam uma atitude, porém o que realmente aconteceu foi que pouquíssimas pessoas tomaram uma posição verdadeira contra o estuprador, e no decorrer desse tempo, ficamos sabendo de mais casos de estupro onde o mesmo cara está envolvido, mas mesmo assim fica difícil ver algum/a punk com uma postura séria e que, obviamente, seja contra qualquer tipo de opressão.

Não temos que aceitar pessoas que se dizem punks e que tem esse tipo de atitude, digna de um nazista.

O Que Queremos?

Existem muitas idéias que compartilhamos, uma delas é de fazer um grupo de teatro, onde vamos abordar temas como: abuso sexual, violência sexual, violência doméstica, violência policial, entre outros assuntos conforme a necessidade e a nossa vontade.

Temos em mente apresentar essas peças em eventos, sons, manifestações, espaços anarquistas... Queremos "enriquecer" a cena punk da qual fazemos parte, não apenas com o teatro, mas com zines (que também pretendemos fazer, e já estamos na correria), levando temas para serem discutidos na UMP, organizar eventos, propor atividades, sons, etc, com a UMP, pretendemos também fazer uma exposição com o tema "Violência" - um tema bastante amplo, pois existem diferentes tipos de violência - a exposição estará à disposição pra os eventos, reuniões, etc.

Os temas que queremos levar para discussão dizem respeito a nossa realidade (punk, anarquismo, luta contra o capitalismo, machismo na cena punk, etc). Acreditamos ser de grande importância para todos/as esse tipo de dinâmica.

Queremos e temos o total direito de nos unir para acabar com a violência que sofremos dentro do movimento que fazemos parte, e também queremos que isso seja reconhecido, somos punks também e não comédias. Não estamos aqui para ser tratadas como suas namoradinhas, queremos ser respeitadas, e lembrem-se que muitas vezes os pilantras são respeitados e nós não, como está acontecendo no caso citado acima.

Estamos muito confiantes com a nossa união e esperamos que outras punks sigam o nosso exemplo de união e confiança e acabem com esse negocio de rivalidade e status, como: ser a mais bonita, ou a que usa mais visual.

E esperamos que as pessoas (mulher e homem) que estão no movimento, não estejam apenas para curtir uma fase adolescente, ou para arrumar namoradinhas/os, ou apenas ficar se drogando, sem nada a oferecer.

Queremos acabar com o machismo e o sexismo que, infelizmente, ainda há muito na cena punk.

Também somos contra a imposição do cruel padrão de beleza que faz com que os homens e mulheres se sacrifiquem para serem bem aceitos pela sociedade.

Queremos mostrar que temos voz ativa para ir contra tudo o que oprime e temos o direito de dar nossas opiniões sem sermos agredidas.

Somos punks, lutadoras e rebeldes.

Não somos "meninas boazinhas", nem comportadinhas e NÃO GOSTAMOS DE SER INSULTADAS!

LUTANDO, ORGANIZANDO, PRODUZINDO E RESISTINDO.

Contatos: Cx. Postal 1677 CEP 01031-970 São Paulo/SP

* * *

Coletivo Lua | 2002
Ceará/Brasil

"Ou como algumas mulheres se uniram contra a opressão"

O **Coletivo Lua** se formou no início de **2002** e ao contrário do que o título sugere, quando as mulheres que organizaram o grupo se juntaram, o objetivo de contestar a submissão não estava assim tão claro. Nem o de ser um grupo de mulheres.

O primeiro ano de atividades do coletivo foi marcado por atividades mais restritas ao grupo, como descobertas pessoais, experiências participativas e o de construir um grupo organizado. No segundo ano do coletivo, elas procuraram vivenciar uma outra forma de organização, experimentando novas metodologias de discussão.

Elas não gostavam de definir seus momentos de encontro do grupo como "reuniões", pois uma discussão calorosa é espontaneamente intercalada por brincadeiras e desabafos sem prejudicar as decisões coletivas. Os encontros eram realizados nas casas delas ou em parques da cidade.

Enquanto alguns buscam entender as relações de poder e dominação através de conceitos e teorias dos mais diversos, o Coletivo Lua buscava explorar a própria vida cotidiana como meio de apreender as nuances do capitalismo e de todo o imaginário que o sustenta. O dia-a-dia delas era o palco ideal

onde é encenado o espetáculo da vida frustrada, controlada, subjugada.

Assim, elas procuraram não reproduzir valores-pilares dessa sociedade viciada como hierarquia, autoritarismo, culto à padronização e ao consumismo, desrespeito a individualidades, competição, passividade, entre outros vícios burgueses.

Diante de assuntos abordados no grupo, elas ampliaram a discussão para outras pessoas aproveitando os momentos que surgiam, como as atividades libertárias, que aconteciam na cidade. A idéia era se apropiar das manifestações criativas das quais somos castrad@s para promover reflexão sobre a vida que temos. A primeira experiência nesse sentido foi uma apresentação teatral questionando a validade da democracia representativa na época das eleições, durante um show organizado por anarquistas e anarcopunks num bairro periférico de Fortaleza.

O Coletivo Lua era formado por 4 mulheres e ao final restaram apenas duas, **Vanessa** e **Sarlene**, que publicaram um zine, chamado **Libido**. No zine, textos que falavam do histórico do grupo, de mulheres anarquistas e reflexões sobre anarcofeminismo.

Trabalhando em conjunto com indivíduos e grupos locais, como o **Coletivo Ruptura**, elas acreditam que a manutenção de atividades de simpatizantes da liberdade deve ser a primeira contribuição à consolidação de um movimento anarquista de Fortaleza. Junto com o Ruptura e outr@s companheir@s libertári@s, elas organizaram a **II Semana de Cultura Libertária** de Fortaleza, cujo tema central

foi 67 anos da Revolução Espanhola: gerir ou destruir o Estado?, que aconteceu no ano de 2003.
Ensaiando seus primeiros passos, elas descobriram a cada dia novas potencialidades na proposta de organização e em si mesmas. Libertárias, apenas continuam sua saga na busca da possibilidade de ser aquilo que querem ser.

Contatos: vanessaluana@hotmail.com

* * *

Grupo Dandara | 2002
Natal/Rio Grande do Norte - Brasil

O **Dandara** surgiu em setembro de **2002**, na cidade de Natal. A idéia de organizar um grupo que discutisse os assuntos relacionados à mulher em Natal era um desejo antigo que só conseguiu ser realizado através de muito esforço e perseverança das garotas que faziam parte do movimento libertário daquela cidade.

Dandara significa guerreira e é o nome da companheira de Zumbi, guerreiro do Quilombo dos Palmares.

O grupo começou com quatro mulheres, ficando reduzindo a apenas duas companheiras, **Flávia** e **Juliana**. O grupo realizou diversas atividades junto ao movimento anarcopunk daquela cidade, dentre elas, uma palestra e oficina sobre gênero dentro da atividade Jornadas AnarcoPunks.

O coletivo se reunia todo primeiro sábado do mês e estava aberto a participação de pessoas de ambos os sexos. O Dandara foi bastante apoiado pelos libertários em Natal, principalmente

os do **CCL – Terra Livre**, e contava com o apoio do **Grupo de Estudos Anarcopunk (Geap)**.

Além de participarem e realizarem atividades em conjunto com @s libertári@s em Natal, as guerreiras tinham como objetivo fazer palestras sobre violência sexual e sobre anarcofeminismo nas comunidades carentes e em escolas do interior do Rio Grande do Norte, mas não tiveram êxito nesta proposta.

O grupo não possuía nenhum informativo, apenas Juliana editava o zine que levava o nome do grupo. Ela também participava das bandas **Insulto** e tocava bateria/baixo na banda **Destroçus**. Atualmente, Juliana e Flávia não estão mais inseridas no movimento anarcopunk. Antes do surgimento do Dandara, havia mulheres que já atuavam no movimento anarcopunk de Natal, como Rose Emília, que publicou zines, participou de debates e também atuava na causa ecológica.

Contatos: july_antay@hotmail.com.br

* * *

Mulheres Livres – I Encontro de Gênero e Anarcofeminismo | 2004
Campina Grande/PB - Brasil

O Mulheres Livres – I Encontro de Gênero e Anarcofeminismo aconteceu entre os dias 04 e 07 de setembro de 2004 na cidade de Campina Grande, na Paraíba. Com este encontro, pretendia-se dispersar algumas nuvens que turvavam a prática e a teoria daquel@s que militavam sob a perspectiva dos conflitos de gênero. No Nordeste, eram poucos os consensos sobre o anarcofeminismo. E isso era um empecilho tanto ao desenvolvimento de todo o potencial que carrega o feminismo anarquista quanto à convivência d@s militantes libertári@s em relação à atuação das anarcofeministas.

A avaliação geral foi realizada coletivamente ao final do *Mulheres Livres e* ressaltou como muito positivo este esforço em construir uma atuação mais elaborada e politicamente coerente.

Apesar de todas as dificuldades encontradas ao longo da sua estruturação, avançou-se consideravelmente na maneira de organizar os encontros anarcopunks que aconteceram no Nordeste. Essa nova maneira de fazer foi pensada para que pudéssemos conseguir frutos mais coloridos e saborosos.

Entre estes, pode-se ressaltar a descentralização que ocorreu na organização do encontro, possibilitando um maior envolvimento de vários indivíduos e grupos em diferentes estados, a saber: síntese de propostas e de discussões acerca dos temas e estruturação do evento (Fortaleza); cidade sede e estruturação física do evento (Campina Grande); controle financeiro das contribuições individuais mensais (João Pessoa); discussão local ao longo de todo o ano sobre o Mulheres Livres em vários estados da região nordeste.

Essa descentralização e a constante articulação entre @s envolvid@s no encontro propiciaram o que talvez possamos chamar de um processo federativo prático há tanto tempo discutido no movimento anarcopunk nordeste.

Estes aspectos aliados ao interesse em debater o tema com profundidade que ele requer, mas que quase nunca a ele é dispensada, fez com que existissem discussões prévias em cada localidade, possibilitando sairmos da superficialidade comum a estes assuntos. Assim, alcançamos um dos nossos objetivos iniciais que era encontrar pontos em comum entre aquel@s que refletem e militam sob os referenciais dos conflitos de gênero no movimento anarquista em geral. Descobrimos também alguns usos inapropiados e/ou incoerentes de conceitos, mas apesar das diferentes maneiras de enxergar e atuar na luta anarcofeminista, conseguimos retirar alguns espinhos que por muito tempo tornaram áspero o contato do anarcofeminismo com outras perspectivas de luta anarquista.

Foi encontrado durante o encontro uma carência enorme de produção e reflexão (ao menos escrita) sobre anarcofeminismo e gênero dentro do próprio movimento anarquista. Essa realidade nos leva a buscar informações em fontes partidárias para reformulá-las e atuar coerentemente. Muitas informações a respeito da própria história do anarcofeminismo são difíceis de serem encontradas. Estudos assim apenas com muita dificuldade chegam até nós. Em alguns momentos essa carência

gerou impasses nas discussões, pois faltavam sempre argumentos históricos para fundamentar o que naquele momento era refletido. Mas até isso foi positivo no sentido em que agora começamos a saber alguns caminhos que devem ser percorridos para preencher vazios que carregamos em nossa própria luta.

Tod@s que estavam lá se encarregaram de levar para suas localidades e para sua atuação individual ou em grupos aquilo que debatemos em Campina Grande porque o anarcofemimismo e os temas abraçados por ele não deve ser exclusividade de anarcofeministas, mas sim responsabilidade de todo o movimento anarquista se ele quer coerente e realmente revolucionário. Em alguns momentos, isto chegou a ser exercitado. Do encontro, saíram algumas propostas, como problematizar/analisar o porque do espancamento corriqueiro de mulheres (dentro e fora do movimento libertário); turnê Wendo Nordeste, proposta pelo grupo de Salvador e que não se concretizou, pois os coletivos da região não tinham condições financeiras (ou não tiveram interesse suficiente) para trazer as instrutoras de Salvador. A oficina de Wendo foi realizada apenas em João Pessoa, no ano de 2006; publicação de um zine anarcofeminista coletivo, que, infelizmente, teve apenas um número e a realização de um segundo encontro de Gênero e Anarcofeminismo, que foi descartado durante um encontro anarcopunk nordeste.

O I Encontro de Gênero e Anarcofeminismo foi uma experiência demasiadamente válida e prazerosa. Diferente dos encontros anarcopunks, este funcionou de maneira mais organizada e @s envolvid@s com ele participaram intensamente de todas as discussões. Dentre os temas discutidos, estavam: *Pensadoras anarquistas na história do anarquismo; o que é anarcofeminismo/feminismo?; Patriarcado e capitalismo; Gênero e relacionamentos amorosos; As várias faces da prostituição* e *Conhecimento de leis a favor das mulheres*. Outros temas, como aborto, homossexualidade e androgenia foram debatidos utilizando vídeos, e ainda foi realizada uma oficina de sexo seguro e saúde com as garotas do Coletivo Insubmissas de João Pessoa.

Vanessa Luana/Mabel Dias

Coletivo Mulheres Rebeldes | 2004
Porto Alegre/RS - Brasil

O Coletivo Mulheres Rebeldes surgiu em Porto Alegre no ano de 2004. A partir daí, começou-se a criar um novo espaço de estudos, debates, reflexões e criação de novas idéias entre as mulheres e lésbicas daquela cidade.

Diversas atividades são realizadas pelo grupo, que tem entre as mais inquietas as ativistas feministas libertárias, Clarisse Castilhos e Marian Pessah.

As Mulheres Rebeldes são o que podemos chamar de "ressureição do anarcofeminismo", pois em seus textos e atuações sempre traz a inspiração de mulheres anarquistas, como Emma Goldman e Louise Mitchell.

Nos últimos 2 anos, elas têm realizado reuniões semanais para fortalecer a ação das mulheres, lésbikas e feministas para criar cumplicidades e, como dizem "aprender com as bruxas que nos antecederam". A atuação das Mulheres Rebeldes é internacionalista.

Em 2009, Marian esteve à frente da organização do Encontro Feminista Autônomo, que foi realizado na cidade do México. No encontro, foi realizada uma intervenção dentro do XI Encontro Feminista Latino Americano e Caribenho (EFLAC), que estava acontecendo também no México, onde gritaram: "Luta, luta, luta, não deixe de lutar, por um encontro livre, feminista, e popular".

Segundo as feministas autônomas, o EFLAC não foi um espaço de questionamento e crítica entre as feministas.

Apesar de morarem em Porto Alegre, suas ações também alcançam a América Latina e o Caribe. O trabalho das Mulheres Rebeldes está ligado ao debate e à construção do pensamento-ação. *"Não nos limitamos às conquistas legais que não mexem*

com as bases das contradições enfrentadas pelas mulheres", elas dizem. "Não nos conformamos ao que está estabelecido, nem às regras de bom comportamento que a sociedade tenta impor para nos transformar em donas-de-casa silenciosas e submissas nem à moral que nos impede de amar e viver em liberdade, dentro das cadeias da heterossexualidade obrigatória e monogâmica."

Entre os anos 2006 e 2007, Marian e Clarisse fizeram uma *bloga* chamada *"em rebeldia"*, onde semanalmente e quinzenalmente depois, publicaram diversos textos próprios e de outras companheiras. Aconteceu um bom dia que o domínio blogspot cancelou a assinatura. Por conta disto, elas decidiram editar o material num novo formato, e lançaram o livro *"em rebeldia - da bloga ao livro"*.

As Mulheres Rebeldes fizeram outra *bloga* e agora contam também com uma página na web. Quem quiser entrar em contato com elas e conhecer melhor suas atividades, é só acessar: http://www.mulheresrebeldes.org/ ou http://mulheresrebeldes.blogspot.com ou pelo correio mulheres_rebeldes@hotmail.com

* * *

Coletivo Ação Antisexista | 2007
Porto Alegre/RS - Brasil

O coletivo Ação Antisexista surgiu em 2007 a partir da necessidade que tínhamos para colocar em discussão o tema sexismo. Estamos mais do que cercadxs por esta opressão, ela acabou se instalando nas entranhas de nossos seres e só nos resta lutar diariamente para desconstruirmos esses conceitos que nos foram impostos. Quando nos conhecemos e nos organizamos, nos sentimos bastante motivadxs pelo que poderíamos construir juntxs e nos sentimos fortalecidxs. E também menos sozinhxs na nossa luta.

Nossa primeira atividade foi organizarmos um grupo de estudos. Imaginávamos que a partir disso poderíamos construir uma rede antissexista, da união de indivíduos e coletivos, a semelhança de grupos de ação antifascista, focando em campanhas de conscientização e luta. O grupo de estudos se reunia 02 domingos por mês, conforme foi arranjado pela disponibilidade do pessoal. Debatemos várias questões que surgiam da leitura de textos que cada umx trazia, de forma aberta, para colocarmos nossas experiências, vivências pessoais, sentimentos, impressões e consequências que sofremos do machismo. Porém, a proposta de rede teve pouca adesão real e a partir daí nossas atividades e materiais começaram a ganhar uma identidade própria, refletindo nossos pontos de vista e nossa identidade como feministas e como anarcopunx/crusties.

Na época tínhamos ocupado uma antiga fábrica que estava abandonada há mais de 10 anos no bairro Humaitá, a Squat N4. Nossas atividades como coletivo e

como okupas se completavam e participávamos como membros de ambos projetos, de várias atividades. Assim foi nossa participação nos anos de 2007 e 2008 na Festa da Biodiversidade, um evento que tem como intenção chamar a atenção para plantio da monocultura, do deserto verde (plantação de eucaliptos) e do plantio de sementes transgênicas, através de uma feira anual que consiste em mostrar alternativas a forma de cultivo, denunciar as empresas responsáveis pelo deserto verde e produtoras de transgênicos. E como Coletivo Antissexista semeamos a diversidade também nas questões de gênero, além de estarmos presentes com a critica radical à especulação imobiliária e a exclusão habitacional. Pois acreditamos que a luta deve ser ampliada para todos os segmentos. Nessa época produzimos o primeiro número do zine "Nem Escravas, Nem Musas" e o distribuímos na feira, o pessoal foi muito receptivo e ficamos muito contentes que muitas pessoas se identificaram com a proposta. Nestes 2 anos consecutivos o coletivo também participou da organização das manifestações contrárias a reunião do G8. Sendo o G8 um grupo que toma decisões arbitrárias em contradição com a democracia que eles dizem defender e, portanto, um grupo de dominação, nós achamos importante nos manifestarmos contra isso. E também é evidente que a manutenção do patriarcado é indispensável para que estes grupos detenham o domínio econômico e político.

Participamos da marcha da Via Campesina no 08 de março de 2007, onde fizemos novas amizades e contatos com grupos que se tornaram parceiros em varias atividades, manifestações e ações até hoje.

O Coletivo organizou ainda na Okupa, oficinas de defesa pessoal feminista, o Wen-Do, ministradas por uma companheira de Curitiba.

Planejamos uma viagem para a Europa no ano de 2009, um projeto que já vinha tomando forma há certo tempo. E chegamos na França para o acampamento anti-Otan que acontecia bem perto do encontro de aniversário de 60 anos desta organização. Esta foi nossa primeira atividade, onde ficamos por 05 dias com mais 2 mil pessoas de diversas partes do mundo, organizações e coletivos, em protesto contra esta reunião. Dali

seguimos para a Alemanha e também suíça, percorrendo de bicicleta, parando em squats e centros autônomos. Participamos em Berlim do Queer Fest que acontecia no Wagenplatz – ocupações de terrenos baldios onde xs okupas vivem em trailers - Schwarzer Kanal, que sofria ameaça de despejo. Fizemos uma oficina de vídeo ativismo e participamos de diversas atividades deste evento que incluíam bate-papos, apresentações e celebrações. Participamos de varias outras mobilizações e também experimentamos o dia-a-dia de estarmos na estrada conhecendo e reencontrando outras pessoas e espaços, fazendo muitas amizades, compartilhando e percebendo afinidades.

Em janeiro de 2010, de volta a Porto Alegre, fizemos parte de um grupo de coletivos, chamando ***Mulheres em Luta*** para organizarmos uma marcha paralela ao Fórum Social Mundial e uma oficina sobre o tema "Estupro". Em março participamos mais uma vez com as mulheres da Via Campesina, o Movimento dxs Trabalhadorxs Desempregadxs, estudantes e outros grupos autônomos de atividades pelo dia 8 de março. Colaboramos na construção das mobilizações do Dia Internacional de Combate à Violência Contra a Mulher, do Dia Latino-Americano e Caribenho de Luta pela Descriminalização do Aborto, Dia da Visibilidade Lésbika, do bloco Negro-e-Rosa na Parada Gay, da Feira do Livro Anarquista de Porto Alegre, entre outras ações.

Na Feira do Livro Anarquista de Porto Alegre lançamos o segundo número do .zine ***Nem Escravas, Nem Musas*** e a tradução e adaptação do zine ***Reagindo – Autodefesa para Mulheres de Todas as Idades***. Neste evento propomos um debate sobre Feminismo e Anarquismo, tentando promover uma conexão mais forte entre essas duas lutas que acreditamos estarem conectadas. Percebemos que o anarquismo é extremamente importante para a luta feminista, para desenvolvermos relações de horizontalidade, sem poder e dominação típicas do patriarcado e do capitalismo. Assim como é fundamental que se assuma o feminismo na luta anarquista para que esta seja de fato coerente na sua manifestação e caráter.

Para breve, estamos planejando um grupo de debate sobre desmasculinização, e a tradução de alguns materiais também sobre esse tema. Além disto, estamos adaptando e traduzindo

um dicionário de bolso sobre feminismo. Juntamente com algumas mulheres da Massa Crítica (MC) estamos organizando um pedal para mulheres. Desde o início de 2010 estamos participando da M.C., e concordamos com outrxs participantes de que um espaço só para mulheres é essencial para incentivar que as mulheres pedalem e se organizem.

A luta segue! Para mais informações, noticias, trocas e amizade, escreva-nos em acaoantisexista@subvertising.org ou pelo blog no portal anarcopunk, http://anarcopunk.org/acaoantisexista

***a letra X em algumas palavras refere-se a mulheres e homens.**

* * *

Grupo Mulheres na Rua | 2008
Salvador/BA - Brasil

O grupo Mulheres Na Rua foi formado em meados do segundo semestre do ano de 2008, a partir da vontade comum de estar discutindo teorias feministas e de colocá-las em prática não só nas nossas vidas pessoais – "o pessoal é político" –, como também "na rua", de modo a atingir outras pessoas, sejam elas mulheres, homens ou crianças. O grupo se organiza como um "grupo de afinidade", ou seja, "A união ou separação de cada grupo é determinada pelas circunstâncias do momento e não por ordens burocráticas vindas de um centro distante." (BOOKCHIN). Seguindo o princípio da horizontalidade, considera-se que todas têm o mesmo peso no processo decisório. As últimas intervenções* contaram com parcerias de outros grupos locais, como a Vigília pelo Fim da Violência Contra a Mulher e o Fórum de Mulheres de Lauro de Freitas, porém de modo a manter a autonomia decisória.

Outra atividade realizada pelo coletivo em outubro de 2010 foi o curso "O racismo e suas articulações de gênero, classe e sexualidade na pós-colonialidade latinoamericana e caribenha", com Yurderkis Miñoso, integrante do Grupo Latino Americano de

Estudo, Formação e Ação Feminista (Glefas), da cidade de Buenos Aires, Argentina.

* Em 5 de outubro de 2009, houve a participação no ato de solidariedade à Isabel Ribeiro, que sofreu discriminação de cunho racista no Ondina Apart Hotel, em função da sua cor de pele e do seu cabelo rasta; foi utilizado o slogan "Mexeu com uma, mexeu com todas!". O grupo participou em 27 de outubro de 2009 de uma ação conjunta pelo fim da violência contra a mulher, intervindo através da exposição pública de maquete construída com brinquedos, que por sua vez, problematizava a divisão dos brinquedos por gênero e a gênese da violência masculina no processo inicial de socialização; a ação foi noticiada pelo CMI – Centro de Mídia Independente.

Contatos e mais informações: http://mulheresnarua.wordpress.com/

* * *

Coletivo e distribuidora feminista "Na Lâmina da Faca" | 2010
Salvador/BA - Brasil

A idéia em se criar um coletivo/distro feminista surgiu a partir de uma série de acontecimentos, conta uma das integrantes, Íris do Carmo. Ela passou os dois primeiros meses de 2010 numa viagem por nove países da América do Sul, e, quando esteve em Bogotá, conheceu o coletivo Rexiste Riot Grrrl, que organiza o Ladyfest lá. Íris aproveitou a ocasião para fazer uma entrevista para o Histérica (zine do qual faz parte) com uma das integrantes do Rexiste, e ficou particularmente encantada com a criatividade do coletivo e a energia das meninas. Ainda no primeiro semestre, Íris teve a oportunidade de ir pro Ladyfest em São Paulo, que foi sem dúvidas um momento ímpar em sua vida e que lhe trouxe muita inspiração também. Na verdade, ela sempre quis fazer um coletivo assim em Salvador, mas acabou não rolando, tanto por falta de motivação, quanto por falta de ter alguém (garotas) no mesmo espírito e que quisesse colar. Antes

do NLDF, Íris fez parte de outras iniciativas, como o Coletivo Dois Corpos, a distribuidora A Caixa, o Destemidxs, etc. Porém, ela encontrou mais duas guerreiras, que junto com ela, deram corpo e transformaram em ação as ideias feministas: são elas Vic e Paula.

Nascido em junho de 2010, e com apenas um mês de nascimento, O Na lâmina da faca lançou a I Convocatória Riot Grrrl Salvador, com o objetivo de aglutinar meninas -- zineiras, videomakers, bandas feministas, performers, etc. -- interessadas em construir um festival de contra-cultura feminista. Mais de cinquenta meninas se inscreveram na convocatória e agora elas estão empenhadas na construção conjunta do festival, que se chama Festival Vulva La Vida, e acontecerá entre 19 e 23 de janeiro de 2011 em Salvador. É um festival totalmente faça-você-mesma, e baseado na junção explosiva política+diversão!

Íris do Carmo acrescenta ainda que o surgimento do Na lâmina da faca também se deu devido a grande despolitização que tem acontecido na cena punk/hardcore em Salvador, se comparada com anos atrás, quando rolavam eventos que uniam show com debates, exibição de filmes, etc. Segundo ela, isto não acontece mais atualmente, "E é esse hardcore/punk político que queremos resgatar (mas também inovar, pois vivemos hoje em contextos distintos).", afirma Íris.

Contatos: http://nalaminadafaca.wordpress.com/

Mulheres...!

Neste espaço, reproduziremos ainda, alguns dos relatos publicados nas cartilhas originalmente organizadas entre 2002 e 2003. São relatos de vida de algumas mulheres que residem em outros países e que podem agregar muito com sua multiplicidade de experiências de luta.

Lorena Martin | Espanha

A Espanha é um dos berços do anarquismo. Foi lá onde nasceu a Agrupación Mujeres Libres, em 1936, que continua atuando até hoje nas cidades de Barcelona, Bilbao, Galícia, Canárias e principalmente em Madri.

A participação das mulheres nas organizações libertárias na Espanha se dá de forma muito intensa. Porém, o número de mulheres que participam destes grupos e das atividades é pequeno comparado ao número de homens.

Em Madri, existe uma casa ocupada só por mulheres. Há ainda grupos, associações e coletivos de mulheres, entre outras que atuam de forma individual. Entre estas organizações estão *Índias Metropolitanas* – que oferecem cursos de autodefesa para mulheres (Wendo) – *Mujeres por la Anarquia, Ruda,* os fanzines *Alejandra, Cuerpos Salvajes, Histeria, Luna,* entre outros.

O fanzine *Luna* é um dos meios de comunicação anarquista que existe desde 1996 e é feito por Lorena Martín. O *Luna* aborda assuntos relacionados à mulher, sendo feito através de recopilações de artigos de outras publicações através da internet e também de artigos da editora. Além do zine, Lorena também organiza a distribuidora feminista Herstory que nasceu da ideia de criar um espaço itinerante, um ponto de informação sobre os trabalhos produzidos por mulheres, como livros, fanzines, textos, etc. Além de distribuir, Herstory também tem como objetivo repassar outros materiais que sejam solicitados, a exemplo de dossiês, livros, textos, serigrafia, vídeos, entre outros.

Contato: lunazine@mixmail.com

Any Alárcon | Venezuela

O movimento libertário na Venezuela ainda é pequeno e a participação das mulheres também. Any Alárcon é uma das mulheres que se destacam no cenário anarquista deste país da América do Sul.

Seu primeiro contato com @s anarquistas foi em 1993 em um acampamento antifascista, quando ainda era adolescente. Desde então, ela vem participando de diversos coletivos, até há cerca de três anos se envolver com a *Comissión de Relaciones Anarquistas (CRA).*

Any faz parte da redação do periódico *El Libertário* e editava um fanzine, *El Libertino Insurgente: organo sexual de ideas acratas y propuestas de anti-amor,* que sai esporadicamente e é dedicado ao feminismo.

Mas sua grande paixão são os povos indígenas, com quem ela sempre se encontra quando possível. Seu trabalho consiste em fazer denúncias de maus-tratos que são praticadas contra os indígenas, ações urgentes de ajuda, entre outras atividades. Constantemente, Any divulga através de malas diretas, pela internet, as perseguições do governo venezuelano e de outros países aos povos indígenas, como os Pemones de lan gran Sabana. Uma das suas últimas denúncias foi o desalojo da família Permin, da etnia Mapuche, da comunidade Vuelta del Rio. Para Any, @s indígenas são muito mais libertári@s do que muitas pessoas que "vivem" enfiadas em livros.

Na Venezuela, não existem grupos anarcofeministas, e sim, grupos de mulheres que trabalham o tema do feminismo. As mulheres anarquistas às vezes se reúnem em grupos de estudo junto com dois anarquistas, que são pró-feministas, e estão querendo impulsionar um grupo para discutir assuntos relacionados à masculinidade.

Any já se refere ao anarquismo como "a utopia", o que não quer dizer que seja algo irrealizável, pelo contrário, o anarquismo é um modo de viver mais livre e que é preciso ser praticado diariamente.

Ela esteve no Equador realizando um vídeo documentário sobre os impactos das ações da empresas petroleiras dentro da região amazônica deste pais, assim como denunciando os efeitos

do lançamento de CO2 na atmosfera. Sempre ao lado dos povos indígenas, ela passou uma temporada no Chile apoiando e conhecendo mais de perto os Mapuches. Já na Venezuela, no ano de 2004, Any Alarcón participou da fundação do Centro Social Libertário de Sarria, primeiro espaço de ateneu anarquista deste país. A iniciativa se estendeu a outros lugares, e já surgem experiências deste tipo em Biscocuy.

A Venezuela é um país petroleiro, igual ao Brasil e ao Equador, diz Any. No geral, se vende a imagem de que o petróleo é algo que ajuda a humanidade e, no caso venezuelano, o petróleo é visto como parte da revolução e do socialismo do século XXI. O certo é que o petróleo é a maldição do ocidente, em nome dele se realizam guerras e a América Latina é na atualidade o supermercado energético. A exploração petroleira tem acabado com a parte norte do Amazonas equatoriano. Na Venezuela, as águas de formação, que são super contaminadas são lançadas impunemente nos rios "Levantar a voz frente às petroleiras, denunciar as transnacionais e empresas estatais, creio que é uma luta necessária e urgente porque o planeta é nossa única casa e está em perigo. Lutar contra as petroleiras é lutar pela vida de todos os seres viventes.", afirma Any.

Ela completa e diz ainda que por ser anarcofeminista se dedicou a este tema, porque entende que a mulher é a guardiã da terra. Para Any, entre a mulher e a terra se estabelece uma relação "de sororidad ancestral".

"A mulher sempre tem estado em contato com a natureza e tem compreendido seus ciclos, incluso antes da domesticação agrícola. Por aí se diz que a terra foi submetida primeiro e em seguida a mulher, quando se instaurou o patriarcado. Creio que chegou a hora de liberarmos juntas, tanto a terra como a mulher desta dominação patriarcal, liberar desta loucura chamada progresso."

Contatos: lalibertariahora@hotmail.com

Sandra Prats | França

Neta de anarquistas espanhóis refugiad@s na França desde 1940, foi através dos relatos del@s sobre a guerra e dos cantos revolucionários que ouvia na infância que Sandra Prats começou a conhecer o anarquismo. Os avós dela se reuniam com os netos, em sua velha casa na França e ficavam recordando o passado, os horrores do franquismo, as mortes, o exílio.

Mesmo tendo os avós anarquistas, a educação que ela recebeu do pai e da mãe foi patriarcal e católica. Crescendo em uma cidade burguesa, ela sentia d@s companheir@s de escola uma indiferença e algumas vezes, devido a suas atitudes libertárias, um rechaço.

Ao completar 21 anos, ela decidiu ir embora da pequena cidade francesa a busca de pessoas com os mesmos ideais que ela. Chegou em uma cidade cosmopolita e universitária onde conheceu um coletivo anarquista de solidariedade com a luta zapatista. Nesta época, ela não podia definir exatamente o que era anarquia, mas sentia, vivi-a no seu cotidiano através da arte e de suas relações humanas. Através deste coletivo, ela começou a colocar em prática suas idéias, porém sentia no grupo muita competitividade e protagonismo que a machucava muito. Devido a isso, Sandra ficava idealizando o grupo, pois era a única referência de um grupo libertário que ela tinha no momento. Mas, infelizmente, com o passar do tempo, por discordar de algumas decisões, a expulsaram do coletivo.

Quando completou 24 anos, Sandra Prats decidiu morar em Chiapas, México, trabalhando como observadora em um acampamento de paz. Em Chiapas, suas idéias anarquistas se concretizaram com @s zapatistas: o modo como se organizavam, como viviam, as cooperativas, as assembléias decididas por consenso, e não hierárquicas. Sandra sentiu-se respeitada entre @s zapatistas. Para ela, el@s leram seu coração, deram-lhe forças e fizeram com que ela sentisse que a anarquia era possível.

Em 1998, realizava-se no Brasil, precisamente na cidade de Belém, no Pará, *o I Encontro pela Humanidade contra o Neoliberalismo.* Sandra estava presente neste encontro e lá conheceu muit@s punks de diversos países, principalmente do

Brasil. Depois dessa temporada com a comunidade anarcopunk no Brasil, Sandra voltou para a Europa, indo morar em uma ocupação na cidade de Barcelona, Espanha. Em 2002, ela voltou ao Brasil para reencontrar seu companheiro que morava em uma ocupação em São Paulo. Lá, ela teve a oportunidade de aprender capoeira angola, conhecer bem de perto a periferia e as atividades da Associação Cultural Quilombola, grupo do qual seu companheiro participava. Todas estas viagens para ela foram a melhor escola, onde ela pôde aprender muitas coisas importantes com os indígenas de Chiapas, entre elas, a humildade. Conheceu a repressão fora do país onde nasceu, a guerra de baixa intensidade no México e a guerra de rua no Brasil.

Depois de tantas viagens, Sandra está sossegada. Ela voltou para a França, morando junto com seu companheiro. Mãe de gêm@s, ela está muito feliz em saber que as crianças terão duas culturas, duas línguas e junt@s vão buscar ensinar aos filh@s, através do cotidiano del@s, o respeito, a criatividade e a liberdade.

* * *

Alejandra Pinto | Chile

Os governos militares fizeram parte da História de vários países da América Latina. Implantaram um sistema ditatorial que perseguia e punia brutalmente tod@s aquel@s que se opunham a ele.

O Chile foi um dos países onde os militares tomaram o poder e implantaram um governo de terror e mortes. Nesta época, Alejandra Pinto tinha apenas 04 anos e teve que se refugiar com seus pais na Bélgica e Espanha.

Quando retornou ao Chile, em 1986, ingressou no partido socialista. Ela se considerava uma militante muito obediente, mas começou a se cansar com toda a hierarquia que existia dentro do partido. Alguns anos depois, ela abandonou o partido, mas continuava sendo defensora do marxismo-leninismo mais radical. Alejandra teve amigos de grupos de ultraesquerda mortos em ações terroristas e outros presos em prisões de

segurança máxima no Chile. Foi quando ingressou na universidade que teve os primeiros contatos com os anarquistas. Junto com algumas amigas, também da universidade, ela formou um grupo de mulheres, de tendência anarquista e lançaram uma espécie de pasquim, que teve apenas um número. Por falta de tempo em se reunirem, o coletivo durou poucos anos.

O anarquismo para ela a cada dia traz uma descoberta, uma porta a mais de conhecimentos. Professora de filosofia, ela tem pouco tempo para se integrar a grupos anarquistas e participar de atividades libertárias, e por isso, é na internet que conhece outr@s ácratas e, com el@s, troca idéias e informações. Ela se identifica como anarcofeminista.

Alejandra possui uma página na internet, a *Mujeres Creativas*, que pode ser acessada pelo endereço *www.mujerescreativas.com*. A idéia da página é abrir um espaço de difusão e encontro em torno do pensamento, da criação poética e literária, das atitudes das mulheres. Como ela diz, *"reconhecer vozes de mulheres que são esquecidas dentro das vozes dos homens."*

Um de seus últimos projetos era o de difundir o pensamento anarquista com um grupo formado por homens e mulheres, que pudessem realizar uma publicação autogestionada por el@s. Em conjunto com Adriana Palomera, ela publicou em 2007 o livro "Mujeres y Prensa Anarquista en Chile [1897-1931]", editado recentemente por Ediciones Espíritu Libertario, de Santiago de Chile. O livro traz textos publicados por mulheres anarquistas na imprensa libertária da época, e que foram encontrados pelas pesquisadoras em periódicos microfilmados na Biblioteca Nacional de Santiago do Chile

Contatos: mujerescreativas@yahoo.com

Thelma Gomez | México

O skate foi sua aproximação com o hardcore. A cultura punk lhe foi apresentada através de um amigo que a convidou para participar da reunião de um grupo punk, na cidade do México. Desde então, são mais de nove anos de luta e resistência anarcopunk.

Thelma fez parte de um dos grupos punks mais ativos e criativos do México, a *Juventude Anti-Revolucionárias (JAR).* El@s realizam diversas atividades enfocando o anarquismo e a cultura punk, como palestras, shows, manifestações de rua, entre outras. O México é uma cidade que tem apresentado altos índices de poluição e a *JAR* tem buscado alternativas de combate a este problema urbano.

A política que é praticada no México não difere muita da que existe nos países que têm suas vidas comandadas pelos interesses norte-americanos. Por isso, o povo mexicano não tem ficado calado perante as injustiças que o governo realiza, apoiados na política neoliberal, e têm efetivado respostas contra o Estado, principalmente, os camponeses. Recentemente, diversas manifestações populares foram realizadas na cidade de Oaxaca, no México, contra a exploração a que estava submetido o povo daquela região. Nestas lutas, a *JAR* procura, sempre que possível, estar inserida.

Envolvida com as artes plásticas, Thelma faz algumas esculturas em barro, madeira e ferro. Ela também fazia performances teatrais, enfocando temas específicos, como a globalização, as multinacionais e a repressão produzida pelas leis do Estado. Mãe de uma criança de nove anos, ela produzia, juntamente com outras duas punks, que também são mães, o fanzine *La razón de amarte,* que tem como objetivo mostrar a vivência delas dentro do movimento punk enquanto mulheres libertárias e mães. Para Thelma, a maternidade é um assunto deixado a parte dentro do movimento punk; não há nenhuma discussão sobre o assunto. Ela diz que é como suas/seus filh@s não fizessem parte da vida delas, enquanto mulheres que participam deste movimento.

A *JAR* produz um jornal, o *Comunidad Punk,* que contêm artigos, entrevistas, quadrinhos com criticas sociais, entre

outras sessões. Thelma chegou a escrever alguns textos para o *Comunidad.* Na *JAR,* onde suas/seus participantes se organizam para realizar as atividades do grupo em comissões, ela chegou a participar das comissões de serigrafia, biblioteca e correios.

Thelma participou da banda *Lucha Autônoma.* A banda teve duas demos gravadas até chegar ao fim no ano de 2003. Hoje, el@s se encontram esporadicamente para tocar, com um baterista de última hora, ou seja, qualquer pessoa que esteja disposta a tocar no momento em que el@s estão no palco.

@s punks, inclusive os da *JAR,* têm uma forte ligação com o zapatismo. @s zapatistas têm um ideal de vida que mostra que se pode viver sem governo, sem hierarquia, e que a liberdade, o respeito à cultura de um povo e a dignidade humana são o melhor ideal para se lutar. @s zapatistas vivem de uma forma autônoma e libertária, em Chiapas, local onde alguns punks moraram por algum tempo. Mas, @s punks que regressaram sabem que, o melhor lugar onde el@s podem ajudar @s zapatistas e a luta social, é estar em sua própria comunidade, cada um@ lutando por um futuro melhor com seu povo.

Thelma fez uma viagem, que começou no dia 16 de setembro de 2004, pelo Chile, Peru e Brasil. Ela realizou um grande sonho que foi conhecer a cidade de Machu Pichu, no Peru. No Brasil, ela esteve na cidade de São Paulo e Rio de Janeiro. Em São Paulo, Thelma pôde, além de conhecer a comunidade anarcopunk, assistir ao show da banda libertária *Sin Dios,* da Espanha. Com esta viagem a alguns paises da América do Sul, ela conheceu pessoas muito calorosas e comprometidas com a luta libertária, além de realizar mais um sonho: estreitar os laços de amizade com mulheres libertárias, como as boas amigas que fez no Brasil.

Em 2007, Thelma decidiu vir morar no Brasil, junto com a filha, na cidade de Salvador.

"O sentimento de liberdade não está só em uma etapa da vida, se leva profundamente no coração e eu levarei isto dentro de meu coração até o último suspiro de vida!" – Thelma Gomez

Contatos: thelma_arte@yahoo.com.mx

Uma Breve Apresentação da Imprensa Marginal

Há tempos a cultura, a informação e as idéias criadas pelo ser humano são tratadas como mercadoria geradora de lucros e poder, se mantendo nas mãos de uma minoria que tem em mãos não só o conhecimento, mas também os meios de produção e difusão dos mesmos.

Partimos da idéia de que a informação não é produto, e deve estar nas mãos de tod@s.

Buscando sair da lógica do lucro e do mercado, do comércio de idéias e informação, produzimos e difundimos nossos livretos a baixos custos, cobrando apenas um valor coerente ao seu custo real - referente à cópia, montagem e auto-sustentação do projeto.

Assim, pensamos e elaboramos nossos livretos como algo mais do que uma capa envernizada, brilhante e colorida, ou um papel *couché*: como algo mais do que um belo produto que seja sucesso de vendas e esteja nas estantes das melhores livrarias.

Pensamos no livro como difusor de informação, gerador de senso crítico e questionamentos individuais e coletivos, como propulsor de novas idéias. Não queremos ser sucesso de vendas, não queremos nenhum livreto *best seller.*

Acreditamos que o direito de reprodução e difusão não é propriedade de quem os cria ou edita. Contra a idéia de propriedade intelectual, apoiamos a pirataria e a livre cópia.

Informação, idéias, inventos, criações: nas mãos de tod@s, e não mais propriedade e monopólio de uma indústria cultural!

A Imprensa Marginal é um grupo anarcopunk que traduz, reedita e difunde materiais libertários diversos. Se iniciou em São Paulo e agora se estende até o Rio Grande do Sul.

Para contatos, trocas de idéia, conspirações conjuntas e para adquirir os livretos ou catálogo, escreva para Imprensa Marginal São Paulo - caixa postal 665 CEP 01031-970 SP/SP (A/c Margi) ou e-mail: imprensa_marginal@yahoo.com.br

Ou então

Imprensa Marginal Sul - caixa postal 17018 CEP 90010-970 Porto Alegre-RS ou e-mail: mentes_plurais@yahoo.com.br (A/c Margi)

www.anarcopunk.org/imprensamarginal